

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM WILLIAM HURT
20 de maio de 2022

SMOKE / 1995 (Fumo)

um filme de Wayne Wang

Realização: Wayne Wang / **Argumento:** Paul Auster / **Fotografia:** Adam Holender / **Direcção Artística:** Kalina Ivanov / **Figurinos:** Claudia Brown / **Montagem:** Maysie Hoy / **Música:** Rachel Portman / **Intérpretes:** William Hurt (Paul Benjamin), Harvey Keitel (Auggie Wren), Forest Whitaker (Cyrus Cole), Harold Perrineau (Thomas "Rashid" Cole), Stockard Channing (Ruby McNutt), Ashley Judd (Felicity).

Produção: Greg Johnson, Peter Newman, Hisami Kuriowa, Kenzo Horikoshi, para Miramax / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, legendada em português, 110 minutos / **Estreia em Portugal:** Monumental e Quarteto, em 21 de Junho de 1996

Por mais de uma vez se coloca a questão da "autoria" em relação a um filme, na maior parte dos casos quando alguém procura minimizar o trabalho do realizador em referência a qualquer outro colaborador, por vezes o produtor (os filmes de David Selznick, particularmente), na maior parte das vezes o argumentista. É conhecido um célebre texto de Gore Vidal em que o escritor defende este último quando se referia a **Ben Hur** ("et pour cause", dado que era ele quem o assinava!). Não vale a pena levantar de novo uma polémica que nem tem razão de ser, e muito menos a propósito de um filme que assume sem complexos a dupla paternidade. Se Wayne Wang assina a realização "a solo" será apenas uma questão de ordem técnica (o filme seguinte, **Blue in the Face** aparece já como "realizado por Wayne Wang e Paul Auster"), porque **Smoke** é, para todos os efeitos um filme "dos dois". O texto é "puro" Auster (basta lembrar a "Trilogia de Nova Iorque") e a realização procura "traduzi-lo" em imagens, o que, seja dito em abono da verdade, é inteiramente logrado. Sintonias momentâneas ou cumplicidades afectivas como aquelas que o filme descreve (mais evidentes ainda em **Blue in the Face**)? Estado de "graça" que acontece num breve momento? Assim parece, porque os dois não voltaram a colaborar e o filme que Paul Auster fez "a solo" (**Lulu On the Bridge**) falhava exactamente na criação do "clima" que rodeia este **Smoke**. No fim de contas, e mesmo considerando o que atrás disse em relação à "autoria" deste filme, parece que se torna evidente que a verdadeira "marca" pertence ao director. Digamos que Wayne Wang terá encontrado aqui o perfeito cúmplice do seu "olhar" sobre as pequenas comunidades e grupos sociais que vivem na cidade, e de que **Eat a Bowl of Tea** é um dos exemplos mais conseguidos.

Do díptico **Smoke/Blue in the Face**, o primeiro parece ser o mais conseguido, pelo menos na sua construção. **Smoke** é um filme mais "trabalhado" e "pensado", enquanto **Blue in the Face** parece uma colagem mais ou menos "arbitrária" de

pormenores, anedotas, situações. Em **Smoke** há uma “narrativa”, não sendo a loja de tabaco de Auggie Wren um mero activador de situações. E essa narrativa tem um delineamento bem concreto, que é o encontro de Paul Benjamin (William Hurt) um escritor “bloqueado” (situação derivada da tragédia que vivera e vitimara a mulher grávida, morta a tiro, vítima inocente num assalto) e um jovem, Rashid (Harold Perrineau) também em crise de identidade, que procura estabelecer contacto com o pai, Cyrus (Forest Whitaker) que o abandonara anos antes, também em resultado de uma tragédia (a morte da mãe, num acidente provocado pelo pai que conduzia embriagado). A loja de Auggie Wren é, para a maioria um local de passagem, e para alguns um local de cumplicidades. De certo modo, a filme ilustra a forma como Paul Benjamin, passa da primeira condição à segunda (embora cliente há anos, Paul limitava-se, desde sempre, a “passar” pela loja em busca de tabaco) marcando também o começo da ultrapassagem do bloqueio criativo em que se encontrava. E o agente da mudança é o jovem Rashid ao salvar um Paul distraído de ser atropelado mortalmente. Paul sente-se em dívida para com Rashid e ao saber que não tem onde ficar convence-o a ficar algum tempo em sua casa. Este gesto acidental gera outros que começam a derrubar a barreira de indiferença de Paul e a alargar-se nas confidências. É desta forma que, de súbito, se confronta com a fotografia da mulher, tirada por Auggie (no seu original “hobby”), a relação entre os dois se torna mais estreita e ambos irão, por sua vez, resolver o conflito de Rashid com o pai.

Os personagens e as situações trazem as marcas do escritor (um certo tom de “realismo” fantasista de que o seu livro *Timbuktu* é exemplo), mas o seu delineamento e enquadramento, o seu registo “intimista” são características também de Wayne Wang. Aliás o verdadeiro núcleo do filme é a história *Auggie Wren’s Christmas Story* que é contada por Auggie a Paul quando este busca inspiração para um conto de Natal e que depois vemos em imagens ilustrando o genérico final a preto e branco, constituindo uma espécie de “eco” ou “resposta” de uma linguagem a outra. A partir daquele conto de Paul Auster, Wayne Wang com a cumplicidade do escritor, criou um outro “texto” que o foi envolvendo. Todos os episódios surgem assim como as “folhas” (de tabaco?) que se envolvem ou sobrepõem harmoniosamente.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico